

O GLOBO  
Eleições presidenciais

# Votar é simples?

\* 7 NOV 1989

PEDRO GOMES

\* 7 NOV 1989

**E**m princípio, o exercício do voto é extremamente simples. Tanto que a nova Constituição estendeu esse direito aos maiores de 16 anos e aos analfabetos.

Mas votar será de fato tão simples? As evidências de hoje, nesta campanha presidencial de muitos partidos e 22 candidatos, com dois turnos de lambujem, parecem apontar para outra direção. E não nos referimos apenas a problemas elementares e clássicos como o da capacidade de leitura da cédula eleitoral por analfabetos e semi-alfabetizados ou a dificuldade, inclusive para os alfabetizados porém indecisos, apressados ou confusos, de escolherem um nome de tantas alternativas, no momento extremo da urna.

Pensamos no eleitor devidamente aparelhado do ponto de vista técnico-democrático e moralmente preparado em termos de consciência e responsabilidade. Esse eleitor, tão bem categorizado, encontra-se agora dentro de um cenário de variedade estonteante. Pois a redemocratização brasileira não se limitou a ressuscitar o voto livre, direto e secreto. Ela trouxe também na onda regeneradora outros critérios de decisão que criam para o voto ampla tabela qualificativa ou levam o eleitor, em certos casos, a votar segundo o pragmatismo da contradição e do paradoxo.

A qualificação mais na moda é a do **voto útil**, cujo espírito é o de conduzir o eleitor para o reino exclusivo dos ungidos com

maior potencialidade de vitória no pleito. Votar, portanto, em quem não reúne condições reais de ganho, muitas vezes só querendo marcar uma posição partidária ou ideológica, passa a ser atitude de absoluta inutilidade, algo francamente lamentável. E os institutos de pesquisa de opinião pública estão aí mesmo para a orientação do voto prático, deixando de lado os fatores aleatórios que se chamam partidos, programas e outros ornamentos institucionais.

Existe também uma forma de escolha que se estabelece entre a maior ou menor rejeição do candidato pelo eleitor. Ele não vota, então, no que lhe parece o melhor, mas naquele menos pior. As pesquisas nos mostram candidatos de bom eleitorado porém simultaneamente em maus lençóis dada a sua alta taxa de rejeição. No segundo e decisivo turno da rodada presidencial verificaremos a importância fundamental que vai adquirir o índice de rejeição, desta vez acrescentado possivelmente de condimentos dramáticos — já que talvez caminhemos para a polarização esquerda versus centro-direita, em versão ainda não atualizada pelos ventos da mudança dominantes lá fora.

É verdade que em matéria de **imbroglio** eleitoral estamos obtendo indicadores extraordinários. Grandes partidos, candidatos frágeis. Pequenos partidos, candidatos possantes. Não vai ser fácil para os jovens de 16 anos entenderem a equação vertida e subvertida. Nem para os

senhores de 60, 70 e 80 anos de idade e de experiência. Os primeiros talvez até achem o enigma divertido, mas o pessoal maduro não se livrará de certa sensação de tontura institucional e cívica. Até que ponto o pequeno partido do Executivo se acomodará e funcionará no QG dos grandes partidos que é o Congresso?

O Brasil esperou 29 anos pela eleição direta e eis a bruta indecisão do eleitor às vésperas do dia sonhado. A fartura de candidatos torna excessivo o banquete da urna democrática e produz uma espécie de indigestão preferencial. Contem-se ainda, na cena do fenômeno, os que derivam contraditoriamente para a inapetência: esgotam a lista dos 22 e ficam na mesma, tocam no prato da comeizana.

E o segundo turno, apesar de suas excelentes virtudes e indispensável permanência no modelo democrático brasileiro, não lembra por acaso a eleição indireta? O seu candidato não está no páreo, então você vota — nem sempre alegremente e às vezes constrangidamente — naquele que julga ou admite capaz de derrotar o ainda menos chegado ao seu gosto. Candidato direto para uma parte dos votantes e candidato por procuração para as demais parcelas tornadas órfãs pelo **round** preliminar da disputa.

Simples, votar? Nem tanto. Pelo menos nesta freguezia brasileira e particularmente neste ano sacudido de 1989.

Pedro Gomes é jornalista.